



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARCO PAULO STIGGER (3)

(entrevista)

Porto Alegre, RS

2016

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

UFRGS

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-730

Entrevistado: Marco Paulo Stigger

Local da entrevista: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança – ESEFID/UFRGS

Entrevistadoras: Jamile Mezzomo Klanovicz e Luiza Loy Bertoli

Data da entrevista: 01/09/2016

Transcrição: Laura Andrade

Copidesque: Jamile Mezzomo Klanovicz

Pesquisa de termos: Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 57 minutos e 02 segundos

Páginas Digitadas: 28

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpando Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: STIGGER, Marco Paulo. Entrevista concedida por Marco Paulo Stigger ao Projeto Garimpando Memórias. Entrevistadoras: Jamile Mezzomo Klanovicz e Luiza Loy Bertoli. UFRGS, UNIVASF, Porto Alegre (RS), 01 set. 2016, 31 p.

SUMÁRIO

Formação; Técnico de handebol; Projetos de visibilidade da Federação Gaúcha de Handebol; Campeonatos de handebol; Início do handebol no Rio Grande do Sul; Participação do Brasil em campeonatos de handebol; Importância da Federação Gaúcha de Handebol e da Confederação Brasileira de Handebol; Cidades do Rio Grande do Sul tem maior projeção; Início da disciplina de Handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança; Importância do handebol no currículo universitário; Perfil dos alunos; Prática do handebol nas escolas; Visibilidade da prática do handebol.

Porto Alegre, 01 de setembro de 2016. Entrevista com Marco Paulo Stigger a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Luiza Loy Bertoli para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Bom, então primeiramente eu queria te agradecer por estar cedendo essa entrevista e eu gostaria que tu iniciasse me contando um pouco da tua formação e como tu iniciou na área do esporte.

M.S. – Eu casualmente estou escrevendo um memorial para um concurso aqui dentro da escola. E lá eu estou... Na realidade essas histórias que a gente faz sobre a vida da gente, elas são sempre complicadas porque a gente tem uma tendência de transformar isso em uma coisa planejada como se a gente tivesse organizando lá no passado e chegou aqui e seguiu um caminho coerente. E não é assim, a vida social não funciona assim. O que eu posso te dizer são algumas pistas, algumas coisas. Bom, como é que eu vim parar aqui na ESEFID¹ é a sua pergunta. Deixa eu lembrar da minha vida de jovem, de criança... Eu sempre fui uma pessoa vinculada às práticas esportivas, corporais, “etc”. Eu tive experiências muito importantes no colégio que eu lembro, tenho uma lembrança muito forte de dois professores de Educação Física, que um deles era o Carioca² que depois foi o professor de handebol aqui na faculdade. Mas quando eu fui aluno do Colégio Farroupilha ele era professor dos menores e junto com ele o professor Delmar dos Reis que casualmente é irmão do Peixinho³ que já deu entrevista para pessoas que [palavra inaudível]. Então, o Delmar e o Carioca, eles tinham uma ação de atividade de Educação Física muito intensa com os alunos, muito pautada por brincadeiras, por acrobacias, por ginástica olímpica... Então era uma... A aula era uma molecagem, mas com muitas exigências e muita exigência de performance corporais assim. Eu me lembro muito bem de com onze, doze anos fazer mortal para frente mortal para trás. Aprendi na aula de Educação Física no colégio. O colégio tinha uma estrutura de Educação Física, no pequeno ginásio, mini ginásio que era muito fortemente voltada para a ginástica olímpica, Ginástica de maneira geral... Tinha “medicine ball”, tinha bastões, tinha massas, plinto, cavalo... Tinha tudo isso e a gente fazia muitas coisas e muitas acrobacias e tal. Então tinha uma Educação Física muito forte nesse sentido. E depois no colégio a Educação Física mais

¹ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

² Paulo Gilberto de Oliveira.

³ Jayme Werner dos Reis.

adiante virou basicamente esporte. A gente entrava no segundo grau e escolhia modalidade esportiva. Eu escolhi o basquete que era uma modalidade que existia no momento... Basquete ou voleibol eram as modalidades oferecidas. E eu fazia basquete... Bom, isso aí a escola. Bom, voltando a escola. Talvez tu queiras saber como é que eu cheguei no handebol... Em certo momento, na nossa escola, no colégio, um aluno, filho do professor Delmar, ele veio com o handebol que ele tinha praticado não sei dizer aonde. Não sei de onde ele tirou a ideia do handebol... Ia ter um torneio de handebol que o Camargo⁴ e o Benno⁵ devem ter referido na entrevista deles aqui na Vila Scharlau⁶. E ia ter esse torneio de handebol e eles começaram a formar um time de outro colégio. E eu joguei naquele torneio. Eu devia ter dezesseis anos, alguma coisa assim. Da onde é que eles tiraram as pessoas para o torneio? Dos caras do basquete que dominavam a passada, dois três passos do basquete. Então o time do basquete, algumas... Nem foram os do basquete. Eu fui um dos caras do basquete que entrou no time de handebol, provavelmente tenha ido o único assim. Só que o handebol continuou fora da escola, o colégio não tinha handebol, continuaram oferecendo vôlei e basquete. E uma aula por semana, por mês assim, eles permitiam a gente jogar futebol. Eu eu comecei a jogar handebol ali, pela primeira vez tive contato com o handebol, e participei do torneio esse da Vila Scharlau. Eu estou sabendo desse torneio porque quando eu fiquei sabendo desse memorial eu fui dar uma lida em algumas coisas e eu vi as datas do torneio e fecharam exatamente com o ano que eu me inseri no handebol que foi provavelmente 1972,1973. Que ano foi aquilo, tu lembra?

J.K. – O segundo o professor Benno teria sido em 1969.

M.S. – Não, 1960 não.

J.K. – É que depois tiveram outras edições também.

M.S. – Só se tiveram outras edições...

J.K. – Acho que a primeira edição ocorreu em 1969.

⁴ Francisco Camargo Netto.

⁵ Benno Becker Júnior.

⁶ Localizada no município de São Leopoldo, Rio Grande do sul.

M.S. – É porque 1969 eu tinha 14 anos. É então não é 1972 não, é 1970 por aí.

J.K. – É na década de 1970 deve ter ocorrido.

M.S. – Eu saí do colégio em 1973, terminei a escola em 1973. Em 1974 eu servi, fiquei no Exército e em 1975 eu entrei aqui. Bom, então a minha vida... Isso aí que eu estou falando é a minha vida escolar, a vida do bairro era... Tudo o que tu pode imaginar de prática corporais que uma criança pode ter... Desde soltar pandorga, jogar taco, usar funda, caçar passarinho, matei alguns na minha vida!

J.K. – [risos]

M.S. – Devo estar sendo castigado [riso] ou vou pagar por isso ainda! O que tu pode imaginar de práticas corporais que uma criança possa ter, subir em árvore, futebol.. Tudo! Tinha uma infância muito rica na rua. Normalmente a gente saía, terminava no mato. Ali onde é o União⁷ de Petrópolis⁸ aqui em cima, tudo aquilo ali era mato. A rua que eu morava era a Itajaí, ela termina em um ponto ali e mais adiante [palavra inaudível], a Encol⁹ era mato e eu vivia por ali, enfim. Então eu tive uma infância muito rica em termo de práticas corporais, isso de alguma maneira... Isso não me conduziu para Educação Física em um primeiro momento. Porque eu estudava no Colégio Farroupilha que era um colégio de classe alta. Meu pai fazia um esforço enorme para pagar e eu não estava no nível socioeconômico daquela escola, eu estava abaixo do nível socioeconômico da escola, mas meu pai se esforçava muito para pagar aquilo ali. Meu pai e minha mãe. Meu pai... Bom, minha mãe também trabalhava na época. E não estava no horizonte de um aluno do Colégio Farroupilha fazer Educação Física, não passava no meu horizonte. Então, meu primeiro vestibular foi para Arquitetura. Eu gostava de desenho e tal... Se eu fosse voltar no passado talvez eu fosse fazer Jornalismo ou coisa assim, porque a disciplina que eu me dei melhor na escola foi em Português na aula de Literatura. A professora gostava muito de mim, dizia que eu escrevia

⁷ Grêmio Náutico União.

⁸ Bairro Petrópolis, Porto Alegre.

⁹ [Praça Carlos Simão Arnt.](#)

bem “etc”, isso no colégio. Mas eu mais por influência acabei... Estava entre Engenharia, Arquitetura e tal, fui para Arquitetura e não passei no vestibular. E daí entrei no quartel. No quartel tinha outro espaço de especialização, pessoas diferentes, de vários níveis socioeconômicos. E lá eu conheci umas pessoas da Educação Física. Tinha o Anchieta¹⁰ que é um cara muito conhecido. Sabe quem é o Anchieta? É o cara que está agora com práticas na África. E tinha o Anchieta que foi meu colega de quartel, de CPOR¹¹. E tinha outras pessoas, mas ali eu tinha... Ali surgiu um interesse pela Educação Física, que eu poderia fazer. E daí eu vim! Daí eu vim para a Educação Física e se for perguntar por que a Educação Física, provavelmente, porque eu faça parte de uma geração que como gostava de esporte práticas corporais essas coisas, acabou sendo influenciada. Na minha geração então há alguns estudos sobre isso que mostram que a minha geração ali eram pessoas que gostavam de esporte. E as gerações atuais são pessoas que estão ligadas as ginásticas, aos “fitness”, essas coisas assim que vieram para cá e que a gente ouve falar muito. Então nós éramos muito esportistas, a faculdade era um lugar de esportistas. Tudo mundo era ex esportista, jogava em clube... Os que não jogavam em clube, jogavam em um nível amador, mas jogavam muito. O esporte era muito forte na faculdade. Então eu cheguei na Educação Física por esse caminho, com uma experiência escolar forte no campo das práticas corporais, esportes e “etc”, e uma vida, uma infância, juventude muito forte no campo esportivo também, tudo no meio do futebol. Jogava futebol na rua... Mas tudo o que tu pode imaginar eu fiz.

J.K. – Sim. Nesse campeonato que tu participou lá na Vila Scharlau, como é que era a presença do público...

M.S. – Não lembro nada. Não lembro nada.

J.K. – Não lembra, não?

M.S. – O que eu lembro, eu lembro que foi nas quadras de “areião”... Escolar assim de “areião”. E tinha gente volta... Pelo o que eu estou tentando lembrar... Nunca parei para pensar nisso... era isso! Tinha gente em volta, mas era basicamente isso, pelo o que eu

¹⁰ José Anchieta.

¹¹ Centro de Preparação de Oficiais da Reserva.

imagino e vejo e me recordo um pouco, os estudantes, mas eu me lembro de ser uma quadra de areia, de “areião”... Não era asfaltada, era muita rudimentar.

J.K. – Certo. E quando tu ingressou aqui na ESEFID¹² chegou a trabalhar em algum momento como técnico de handebol?

M.S. – Não, o que aconteceu? Eu entrei na faculdade e o Diretório Acadêmico, coincidentemente, a liderança do Diretório Acadêmico da época era o pessoal ligado ao handebol. E eles... A gente tinha um curso básico que era... Vocês não tem isso? Sociologia, Estudos brasileiros... Sociologia e Estudos de Problemas Brasileiros que era uma disciplina, digamos assim... Não acho que não era Sociologia, era Estudos de Problemas Brasileiros, porque era uma disciplina que era da Ditadura, da época da Ditadura que não tratava das questões sociológicas, era mais uma disciplina voltada para os interesses da ditadura... Estudos Brasileiros, Língua Portuguesa... Alguma coisa a gente fazia lá no básico que é ali onde é agora a Psicologia. Aí a gente fazia um curso de primeiro semestre lá e começava a ter contatos aqui... Daí os caras chegaram lá colocaram os cartazes, foram nas salas de aula e tal, e nos chamaram para uma reunião aqui no sábado de manhã. Tinha aula no sábado de manhã naquela época. Para uma recepção dos calouros... E era a turma do... E era para vir com material esportivo. Para ver como era a coisa: “Venha com material esportivo”. Aí nós chegamos aqui e tinha uma reunião, a sala de aula cheia de calouros e a turma que liderava era a turma do handebol. Então assim, estava separado o espaço para aqueles que quisesse jogar vôlei, basquete e tal... E a quadra de handebol estava nós naquele ginásio ali, que era de madeira não era esse ginásio que tu conhece... O piso era de madeira. E daí fizeram uma peneira lá de handebol e eu jogava handebol. Era uma das... Era eu e outro cara. Nós tínhamos dois caras que jogavam handebol. Um deles era do Julinho¹³ que era o Queiroga¹⁴ e eu que era do Farroupilha. Então eu e o Queiroga éramos os únicos assim que realmente jogavam handebol. E jogavam bem assim para o padrão da época... Completamente amador completamente uma pelada. Nada muito sofisticado, mas éramos os caras que sabiam jogar e logo entramos para o time de handebol. Naquele primeiro mês ali arrumei uma namorada a qual acabei casando e tive três filhos e ela também gostava de handebol. Eu fazia duas coisas: eu jogava no time de handebol masculino e era treinador das gurias. Então meus três

¹² Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹³ Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

¹⁴ João Guilherme de Souza Queiroga.

anos de faculdade eu fui treinador das gurias de handebol. E tinha vários campeonatos, a gente foi até São Paulo em um torneio que teve. A gente jogava vários campeonatos e eu era o treinador das gurias.

J.K. – Sim. E chegou a treinar algum clube também?

M.S. – Naquela época não. Depois de me formar sim. Não sei se tu quer que eu fale sobre isso agora...

J.K. – Sim. Pode ser!

M.S. – Daí bom, eu me formo e no período de faculdade eu estagiei no Colégio Farroupilha, nas quartas de tarde e sábado de tarde era dia de recreação no colégio e eu era um dos recreacionistas do colégio. E quando eu me formei a escola me contratou, me efetivou como professor. No primeiro mês que eu estava como professor, me chamaram e me efetivaram mais vinte horas como professor. Não era vinte horas, mas uma carga horária, então eu passei a ser professor na recreação na quarta à tarde e no sábado à tarde e passei a ser professor dos alunos do segundo grau na segunda a tarde e sexta a tarde no colégio. E naquele momento a escola já tinha handebol, tinha o professor Rui¹⁵ que era um professor que dava aula de handebol... O Rui era um cara que era formado em Engenharia e ele trabalhava muito com projetos e não tinha emprego na Engenharia então ele trabalhava com projetos tipo “freelancer” e ele dava aula de handebol no colégio e me contrataram para dar aula de vôlei no colégio. E eu tinha uma inveja do Rui porque eu queria que o Rui se aposentasse ou fosse para a Engenharia para eu pegar o handebol, que era o esporte que eu queria, mas não consegui. Aí fiquei tentando. Passei dois anos no Colégio Farroupilha trabalhando no voleibol e na recreação. E eu levava a turma do colégio e da recreação para torneio de futebol e não me metia no handebol por uma questão ética, porque o professor Rui era o cara... Apesar que o Rui não tinha o mesmo interesse que eu e nem o mesmo conhecimento talvez que eu até, porque eu vivi muito no Handebol e ele não. E ele também fazia os times do colégio e tal e eu tinha muita vontade de me meter, mas não podia... Enfim, quando eu estou no Farroupilha dois anos trabalhando com Vôlei eu recebi um convite para morar em

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.

Rondônia em Porto Velho e o cara do convite foi direto: “Tu vai ser professor de escolinha de Handebol e treinador de handebol”. Aí tu imagina o que é a ingenuidade de um jovem com vinte e quatro anos. Claro que eu não vou dizer que foi uma experiência ruim. Foi uma bela de uma experiência embora em Rondônia. Dois filhos meus nasceram lá, casei e fui para lá e tal, mas o *sonho* era trabalhar com handebol um negócio meio, para os padrões de hoje, uma bobagem eu completamente [palavra inaudível] na universidade, muito reconhecido dentro da universidade, eu poderia ter entrado como professor na universidade muito rapidamente naquela época. Mas me ofereceu para trabalhar com escolinha de handebol e ser treinador de handebol do estado, território na época. Então minha vida era handebol. Eu cheguei em Rondônia e minha vida passou a ser handebol. Então eu trabalhava *todos os dias*. De segunda a sexta das cinco da tarde às oito da noite eu dava treino de handebol para a equipe. E todos os dias em alguns horários de manhã alguns horários à tarde. A tarde não sei muito bem, mas a tarde devia começar no meio da tarde e eu trabalhava com a escolinha depois eu pegava a seleção. E de manhã um certo momento era escolinha. Como era muito quente tinha uma regra lá que Educação Física só funcionava mais tarde, então até às três da tarde não tinha Educação Física e até dez da manhã. Então basicamente era de manhã, das dez ao meio dia, era a escolinha de handebol e a tarde, das quatro a cinco, às vezes cinco e meia, a escolinha de handebol e depois das cinco e meia, seis horas até as oito a seleção. E era só o que eu fazia. E os torneios, os campeonatos, tudo era comigo. Então aprendi muito e acabei assumindo a Federação de Handebol de Rondônia. Um colega meu foi presidente, primeiro presidente... No dia da fundação eu casualmente estava em Porto Alegre, não estava lá, mas eu era para estar junto. Era para ser um dos fundadores ali junto, mas eu não estava. E o colega meu foi presidente e depois quando ele saiu fui eu o presidente, então fui presidente da Federação de Handebol de Rondônia e treinador de seleções escolares de Rondônia, masculina, e fui treinador da Seleção Juvenil de Rondônia. Tudo em Rondônia na década de 1980. Isso é de 1980 a 1985 aconteceu isso, 1980, 1981... 1984, de 1980 a 1984 foram quatro anos. Mas era alto rendimento, era alto nível. Eu tinha feito curso de especialização em treinamento esportivo aqui e eu aplicava a teoria do treinamento lá. Fazia periodização, tinha uma sala de musculação... Fazia musculação com a gurizada, fazia todo o trabalho forte de treinamento esportivo com os caras e tinham caras que treinavam duas três horas por dia, os jogadores. Então foram ótimos resultados internacionais... Tiramos sexto lugar com o Brasil uma vez... Ir para São Paulo e tal. Sim, o goleiro que saiu de lá foi seleção brasileira e quentíssimo, reconhecido em todo o mundo, indiscutível um baita de um

cara... Apareceu no interior de Rondônia, o Jabá¹⁶, o nome dele é Jabá, todo mundo conhece o tal de Jabá. Se tu colocar Jabá ali vai aparecer... O cara com um metro e noventa e dois centímetros, com uma envergadura que tocava quase dos dois lados da trave. Tinha muita coragem, era muito calmo, tivemos um... Bom, enfim, daí eu volto de Rondônia em 1985, acho que no meio do ano, no início do ano... E daí eu recebo primeiro um convite para ser treinador do time Colégio São João, na verdade não era o Colégio São João, era Associação dos Metalúrgicos do Brasil. E tinha um patrocinador que era as Lojas Alfred, que não existem mais, do tênis Alfred que se existe, existe em Caxias, mas existia aqui. Era uma loja de roupas, tipo uma Loja Renner da vida e hotéis Alfred e o dono, o filho do dono, é o Kalil Sehbe Neto que era um cara conhecido, um cara que foi deputado estadual a pouco tempo. O Kalil, ele era jogador de handebol e tinha essa empresa grande, então ele patrocinou o time de Handebol do São João e eu era o treinador, eu tinha salário e lá tinha um time bem bom de handebol, mas a gente sempre tirava segundo lugar. A minha história de vida foi tirar segundo lugar, desde aqui... Sempre perdi para Santa Maria¹⁷... Porque eles treinam muito, eles eram sérios.... Aquela coisa que eu tive em Rondônia, o Celso Giacomini¹⁸, que era o treinador aqui teve aqui... Era um cara para entrevistar, vocês entrevistaram?

J.K. – Sim, já entrevistei.

M.S. – Então, o que o Celso Giacomini teve aqui, eu fui acabar tendo em Rondônia. O que o Celso teve aqui, que teve um período que ele teve com a gurizada muito boa por muito tempo, eu tive em Rondônia, então não tinha o que fazer. Era o máximo, com aquela gurizada ele viajou o Brasil afora por conta do Handebol. E bom, eu volto para cá, passo a ser treinador do São João e depois me chamaram para ser Vice-presidente da Federação¹⁹. O cara que me chamou, o presidente da Federação, seis meses depois ele pede para se afastar, e eu virei presidente da Federação, eu acho que fui presidente por duas gestões. Enfim, é isso.

J.K. – Certo. E nessa época que tu foi presidente da Federação, havia algum projeto de visibilidade para o handebol aqui no Rio Grande do Sul?

¹⁶ Osvaldo Inocente Filho.

¹⁷ Município do Rio Grande do Sul.

¹⁸ Luiz Celso Giacomini.

¹⁹ Federação Gaúcha de Handebol.

M.S. – Na verdade, a Federação tinha um projeto de existir, porque no meu tempo a história da Federação de Handebol era conhecida pelos campeonatos não terminarem, era os campeonatos terminarem e os campeões não ganharem medalha, era por não ter registro de nada e eu entrei na Federação e eu comecei a organizar a Federação. E eu acho que organizei. Hoje eu olho para trás... *Muito amador!* Um amadorismo incrível, muito tolinho. Entendeu? Se eu olhar para trás. Mas naquele momento já foi um salto porque eu consegui uma sala no antigo... Ali onde é o... O CETE²⁰ o... Tinha um corredor livre com salinhas pequenas, o dobro daquela ali mais ou menos. Um pouco maior. Talvez o dobro daquela ali... Cada Federação tinha uma salinha... E o problema dessas salinhas é que tu passava por elas e não tinha ninguém lá dentro porque não tinha estrutura. Então eu chamei os clubes e fiz uma mensalidade e contratei duas estagiárias da UFRGS²¹, da Escola Técnica de Colégios da UFRGS, não sei se ainda existe isso... Duas meninas que eram formadas para Secretariado. Não lembro o nome delas [riso]! E contratei duas meninas e nós tínhamos todas as tardes duas meninas trabalhando e a Federação funcionava. Tinha vida! Diariamente e eu ia lá no fim da tarde, nem todos os dias, mas eu ia lá no fim da tarde e a Federação tinha um funcionamento. O que era o projeto que eu tive, isso sim eu posso chamar. Um projeto é pôr para funcionar e as coisas acontecerem. Nos anos que eu estive na Federação todos os campeonatos aconteceram, todas as premiações aconteceram, toda a documentação foi organizada e a Federação deu uma esterilizada em relação ao passado. No passado, casualmente, tinha um grande amigo meu, não vou nem citar o nome. Tinha um grande amigo meu, tinha sido lateral, mas o cara jogou, largou a Federação. Então a Federação quando eu cheguei era uma coisa, não tinha estrutura nenhuma. E nós chegamos com essas gurias, gurias ótimas do Secretariado, arrumamos a documentação toda e tinha horário de funcionamento. Então o projeto era fazer funcionar, eu cheguei a ir em um canal de televisão para tentar ver se a gente conseguia passar os jogos pela televisão, mas acabamos não fazendo nada. Tentei fazer uma revista. Tu não vai acreditar, é impressionante essa história! Foi duro para fazer todo esse serviço. Tinha um jornalista amigo meu que jogava Futebol comigo, Futebol de várzea, e o jornalista era Cláudio Furtado o nome dele. Eu pedi para ele me ajudar gratuitamente. Ele disse que fazia perfeitamente isso e que se a revista funcionasse que eu contratasse ele. Daí fizemos, entrevistamos as pessoas, fizemos entrevista com

²⁰ Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

²¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

jogador da seleção brasileira nossa, uma guria de Novo Hamburgo²². Fizemos uma ótima revista! O boneco da revista estava pronto, estava no banco de trás do meu carro e eu, parado em um lugar, fui roubado o boneco da revista. Roubaram a minha mochila com tudo dentro e o boneco da minha revista. Fui lá no Cláudio e ele disse: “Bah, não vamos fazer tudo de novo!”. Ali acabou a revista da Federação de Handebol acabou ali. Estava toda pronta, era para ir para gráfica! [risos].

J.K. – É, isso aí acontece! [risos]

M.S. – Então esse aí era um projeto de visibilidade, que era tua pergunta. Tinha projeto de visibilidade? Tinha. Chegamos a nos comunicar com um canal de televisão, eu me lembro que o cara disse um número que eu não vou lembrar exato... Ele disse: “O pior momento, o pior canal, tem lá quinze mil pessoas assistindo. Então, se botar o jogo, algumas pessoas vão querer anunciar.” Então nós chegamos a ir no lugar e tentamos fazer a revista. Sim, teve projetos de visibilidade.

J.K. – E nessa época, como eram os campeonatos de handebol aqui no estado?

M.S. – Os campeonatos eram, e como ainda são eu acho, com toda estrutura frágil que a gente tinha, não eram como os campeonatos que jogam o Grêmio²³ no futebol que tem toda semana tem jogo. Não, não. Era assim: passa um mês e meio, dois meses, sem jogar e aí no fim de semana, sexta, sábado e domingo, tem um torneio. Então o torneio do adulto é aqui, naquele torneio todo mundo joga várias partidas e a pontuação vai sendo feita. Tinha uns três torneios por ano, não me lembro se eram três, mas tinham... Era um formato de torneio, sexta, sábado e domingo, torneio do masculino, sexta, sábado e domingo, torneio do feminino, sexta, sábado e domingo, torneio do infantil sei lá, não me lembro as categorias, mas tinha a categoria dos mais jovens e tinha o masculino e tinha o feminino. Esses torneios eram em lugares diferentes, Novo Hamburgo, Sapiranga²⁴, Santa Maria... E era isso, em forma de torneios e ainda é assim, eu acho...

²² Município do Rio Grande do Sul.

²³ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

²⁴ Município do Rio Grande do Sul.

J.K. – Sim. Basicamente é assim!

M.S. – É eu tenho um aluno do doutorado que joga handebol lá em Caxias²⁵ e é assim. Eles chamam rodada. Rodada é o “torneozinho” que... Na verdade é um torneio porque não termina ali, vai contando ponto para todo o campeonato. É uma rodada onde todo mundo joga meio que com todo mundo.

J.K. – Certo. Agora mais em relação a história do handebol aqui no Rio Grande do Sul, tu saberia me dizer como que ela inicia aqui no estado?

M.S. – Eu não sei te dizer, porque tudo o que eu li eu não confio muito. Entendeu? Essas coisas que eu leio por aí... Livro do Camargo, depoimento do Benno... Eu já li essas coisas, conheço essas pessoas. Camargo foi professor aqui, não de handebol, conheço o Benno... Essas histórias... Casualmente, uma menina ia fazer o mestrado comigo, a Bianca²⁶, sobre a história do handebol só que ela trouxe um material muito frágil, eu não sei se existe outro, mas o material que eu recebi da mão dela... Ela acabou sendo desligada a menina porque não conseguiu... Bom, enfim, não importa. O material que ela me trouxe da história do handebol era muito frágil. Então, as coisas que eu li até hoje sobre a história do handebol é uma confusão incrível! Um negócio meio... Não houve alguém que parou para fazer a história do handebol de verdade, com consistência e tal. Então as coisas que a gente tem ainda... Então não vou dizer muita coisa. Sei pelas coisas que estão escritas o Camargo teve envolvimento com isso, aquele torneio parece que foi o Benno que fez, não vou negar esse aspecto... Sei que o torneio o Benno é que coordenava na Vila Scharlau. Isso eu sei. Se essa foi a primeira coisa da história do handebol? Parece que foi, não sei. E o Camargo, parece que ele disse que ele que trouxe o handebol?

J.K. – É... Ele diz que sim...

M.S. – Pois é. São coisas muito difíceis assim... Eu não sei muito. Tu deve saber mais do que eu!

²⁵ Caxias do Sul. Município do Rio Grande do Sul.

²⁶ Nome sujeito a confirmação.

J.K. – E quando teria sido o período de maior visibilidade do handebol aqui no estado?

M.S. – Não sei te dizer. No meu período não sei se teve uma visibilidade... Não sei. Acho que depois do meu período... Não sei te dizer, porque o handebol de maneira geral, no Brasil, ele passou a ter mais visibilidade de um tempo para cá com o resultado das meninas. Não foi, também não sei porque não estou acompanhando muito isso... O resultado da gurias. Por isso que eu não tenho muito o que te dizer, porque eu nem estou acompanhando muito, mas o resultado das gurias... Sei que ele começou a aparecer, os homens nem tanto. Eu sei que guris e gurias foram para o exterior jogar profissionalmente e isso deu uma visibilidade. E agora as Olimpíadas eu assisti alguns jogos, não assisti todos. Achei demais, achei alto nível. Bonito de ver, bacana! E bom, enfim, não sei qual é que tem mais visibilidade, mas eu acho que não teve mais do que agora provavelmente com os jogos Olímpicos dentro do Brasil com os jogos aparecendo... Não sei te dizer sobre isso!

J.K. – Sim, certo. E quando o handebol iniciou aqui no Rio Grande do Sul ele teria sido jogado inicialmente em campo ou em quadra?

M.S. – Nunca vi na minha vida handebol de campo. Então eu não tenho nem o que dizer sobre isso. Quando eu soube de uma coisa chamada handebol, eu soube de uma quadra e eu só vejo campo nos livros. Escrito histórias, nas regras... Nunca vi handebol de campo. O Camargo, esses caras, falaram de handebol de campo?

J.K. – Alguns chegaram a comentar que talvez tenha iniciado aqui com handebol de campo...

M.S. – Esse talvez é muito brabo. Se o primeiro torneio do Benno, não era de campo. Era quadra, quadra de “areião” como era as quadras do Colégio Farroupilha que era um baita de um colégio e que às vezes era nas quadrinhas de “areião”, marcadas com tijolo enfiado no chão. Sabe como é que é, fica aparecendo a borda do tijolo e aí marcava a quadra, tipo quadra de tênis, só que quadra de tênis é com aquela fita, mas é um tijolo que é colocado em pé enterrado na terra. Quadras assim, mas não era handebol de campo. “Parece que” é complicado! Nunca vi handebol de campo na minha vida, em lugar nenhum na minha vida. Só vi handebol de campo nos livros.

J.K. – Certo.

M.S. – E a história que a Bianca me traz, os materiais ela trouxe com caras diferentes, completamente invertidos. “Começou no campo, começou na quadra!”. Não gosto nem de ouvir e nem ler essas coisas porque acho tão frágeis que não vale a pena.

J.K. – Certo. E como que ocorreu a fundação da Federação Gaúcha?

M.S. – Não sei, não tenho a menor ideia. Para essa tua pergunta não tenho a menor ideia! Como eu dizia para ela: “Não tenha a mais pálida ideia!” [risos].

J.K. – Bom, acho que a gente já comentou um pouquinho sobre o esporte olímpico, então, como que tu enxerga a participação do Brasil nesses campeonatos tanto o feminino quanto o masculino...

M.S. – É, eu não estou acompanhando muito, mas eu tenho visto, não só agora nas Olimpíadas, algumas coisas, nas outras Olimpíadas – foi Londres “né”? – alguns pedacinhos eu vi e a gente vê os comentaristas fazendo bons comentários... A regra de Handebol mudou coisa que eu nem sabia! Pequenos detalhes... O tempo... O que eu vi de diferente... Jogava handebol?

J.K. – Não [riso].

M.S. – Então o que eu vi de novo é o tempo, que se pede tempo agora e que agora o jogo passivo quando o árbitro levanta a mão, tem um número de passes. No meu tempo quando o árbitro levantava a mão significava “Estou de olho no passivo”, ou seja, ataque! Não dá para jogar sem atacar e eu vi muitos jogos passivos nas Olimpíadas, me chamou a atenção isso. E o tempo, pedido de tempo que não existia, mas então, estou dizendo isso para dizer que estou desatualizado. Mas olhando o jogo... Porque eu tive uma experiência interessante e minúscula de handebol quando eu morei em Portugal e fiz doutorado e... Esse doutorado nada tem a ver com handebol. Era ligado a outras coisas, esporte e lazer. Só que como eu era professor de handebol na faculdade eu pensei que quando eu voltasse esses caras iam me colocar para dar aula e handebol, então eu vou ter que retomar. Eu fiquei seis meses a mais.

Terminei o doutorado no meio do ano e fui defender em dezembro, fiquei lá seis meses em Portugal esperando a defesa. E eu fiz um curso de Handebol. E fui assistir alguns jogos de Handebol e vi na televisão porque dava handebol na televisão direto lá, muitas vezes, e eu vi um handebol muito diferente do nosso. Um handebol muito como eu vi na Olimpíada agora, com circulações, movimento de [palavra inaudível] sai, desloca, sai pivô, desloca... Não sei se vocês acompanham handebol?

J.K. – Sim, acompanho.

M.S. – O pivô vai lá fora, desloca o extrema, cruza recebe a bola, o jogo toma muito mais dinâmica do que no meu tempo. Do tempo que eu jogava e do tempo que eu era treinador. Então, o handebol era muito mais dinâmico... Lá em Portugal eu já via, na Espanha eu já via porque olhava na televisão e em um curso que eu fiz lá eu percebi muita diferença em relação ao que se fazia no Brasil no tempo que eu me envolvi com handebol. Há avanço. Há mudança no handebol bem grande. Jogadores mais altos, mais fortes... Um negócio bacana de ver! E tecnicamente demais, eu vi nas Olimpíadas... Qual foi a pergunta?

J.K. – A pergunta é em relação a participação do Brasil na Olimpíadas.

M.S. – Eu vejo um avanço no Brasil. O Brasil está na ponta. Não sei nem qual foi a classificação final, o Brasil já tinha sido primeiro no feminino ou não foi?

J.K. – É, não foi. Acho que em quarto ou quinto lugar...

L.B. – O feminino saiu antes...

M.S. – Saiu antes?

J.K. – Mas acho que ficou no quarto ou quinto lugar no final.

M.S. – Mas tinha que ser um dos primeiros...

L.B. – Era o preferido.

M.S. – E o masculino ficou como?

J.K. – O masculino acho que ficou mais para baixo ainda que o feminino.

M.S. – É, mas eles estão de igual para igual. Eu vi os jogos, é de igual para igual. Eles perdiam, empatavam... Suécia, não sei se empatou ou ganhou, mas é uma coisa que era impensável no meu tempo.

J.K. – Sim. E como que tu vê o papel da Federação Gaúcha e da Confederação Brasileira no cenário do Handebol feminino e masculino?

M.S. – Não tenho a menor ideia. Não posso te dizer nada. O que eu posso te dizer sobre isso é que a impressão que eu tenho a muitos anos e hoje mesmo antes de vir para entrevista... Eu me perguntei se tu ia perguntar sobre fundação e eu fui procurar e não tem nem “site” da Federação. A Federação não tem nem “site”! Hoje de manhã eu fui dar uma pesquisada rápida, assim cinco minutos, e eu... A minha história me dizia que o problema... E se tu me perguntasse isso há vinte anos atrás, eu te diria o handebol é uma prática hiper amadora e feita por amadores e professores. E quando eu digo que eu fiz a Federação, porque eu acho que eu fiz alguma coisa, eu fiz alguma coisa interessante. Eu acho que eu dei uma estruturada na Federação naquele período, mas foi um amadorismo absurdo. Eu não tinha uma noção, uma visão de empresa, eu não sei nem se é empresarial, mas organizativa. Essa ideia da visibilidade que tu me perguntou. Qual é a visibilidade de uma revista? Fica dentro do mundo do handebol. Quer dizer, então que tipo de visibilidade? Então, quais são as modalidades esportivas de Federação mais fortes? A mais forte é voleibol, fora futebol. Foi o Nuzman²⁷, colocou uma cara de empresário. Hoje é uma “picaretagem”. A gente vê que tem um monte de corrupção, mas foi o Nuzman que mudou o mundo... O Nuzman foi um cara que mudou o mundo desses esportes periféricos. Foi o primeiro foi o Vôlei e tal. E a Federação de Handebol, pelo o que eu sei, ela não... Pela minha experiência do tempo que eu vivi isso, ela não deu esse salto, mais de vínculo empresarial e de meios de comunicação. Então, é um

²⁷ Carlos Arthur Nuzman.

defeito... No meu tempo, era muito feito por professores... O presidente ainda é o “Manezinho”, Manoel Santana?

J.K. – Não, agora é o Iradil²⁸.

M.S. – Não, não. Da Confederação Brasileira.

J.K. – Não sei te dizer agora...

M.S. – Da Confederação Brasileira era o “Manezinho”, Manoel Santana. Era um cara que era professor universitário. O negócio dele era ser professor! O Iradil... Ele nem é professor?

J.K. – Não é professor.

M.S. – Eu demorei a entender essa distância do trabalho da federação ali. Eu não duvido que não seja na casa dele. Não deve ser na casa dele?

J.K. – Não. É em um ginásio eu acho...

M.S. – Então deve ser no ginásio do Corinthians²⁹ porque eu vi o Corinthians, deve ser do lado do ginásio Corinthians.

J.K. – Na tua opinião, hoje em dia, aqui no Rio Grande do Sul, quais seriam as cidades que o Handebol tem maior projeção?

M.S. – Eu não estou acompanhando, mas eu sei te dizer, tradicionalmente, Santa Maria, eu sei Caxias Sul, que tem um aluno meu jogando lá no adulto e Sapiranga ainda continua, não sei...

J.K. – Sapiranga continua...

²⁸ Iradil Antonelo.

²⁹ Corinthians Atlético Clube.

M.S. – Eu sei desses três lugares, Caxias Sul, Santa Maria... E no meu tempo de Federação eram essas cidades. Era Santa Maria, Sapiranga no feminino e Caxias. Caxias no meu tempo, que eu era presidente da Federação, a Enxuta patrocinava. Eles tinham tudo, abrigo, eles tinham tudo. Patrocinado pela Enxuta, que eu nem sei se existe mais.

J.K. – Acho até que não.

M.S. – A marca Enxuta. Marca de lava roupa, marca de lava louça e tal. Não se existe mais isso, mas eles patrocinavam. Faziam direitinho os uniformes em vermelho e preto e branco. Muito bonitinhos. Aí Novo Hamburgo tinha o feminino que era o Carlão³⁰, tinha duas mulheres na seleção brasileira de Handebol. Não sei, Novo Hamburgo ainda tem Handebol?

J.K. – Novo Hamburgo eu não sei. Sei de São Leopoldo.

M.S. – São Leopoldo no meu tempo não tinha. No meu tempo era Novo Hamburgo como feminino, Sapiranga feminino, masculino era Santa Maria. Nós tínhamos um time em Porto alegre e tinha Caxias. E Caxias tinha mais de uma categoria e tinha masculino e feminino. E acho que Canoas também tinha masculino. Agora já não sei dizer se ainda está. Eu sei que Caxias está, Santa Maria está e Sapiranga ainda deve estar. Tem gente que vai te falar isso melhor do que eu.

J.K. – E o handebol aqui no Rio Grande do Sul teria iniciado mais em escolas, universidades ou em clubes?

M.S. – Eu não posso dizer... Eu não vou te falar... Se começou com aquele torneio do Benno era um torneio escolar. E os clubes não se firmaram. Nunca houve um handebol de clube que se firmou. Durou um ano, dois anos. O clube que tinha era os ex-alunos do colégio São João. O cara tinha handebol na escola, jogava aqueles campeonatos Lassalistas e tal. Teve o Pedro Paulo³¹, aquele cara que jogava muito, joguei com ele como atleta e joguei como treinador dele. Daquela turma do São João ali, do Pedro Paulo, do Élio Carraveta³² era o

³⁰ Nome sujeito a confirmação.

³¹ Pedro Paulo da Silva Guimarães.

³² Élio Salvador Praia Carraveta.

treinador. Ali era um handebol muito forte e isso deu uma consolidação para a Associação dos ex-alunos abre aspas clube. Então não teve um clube forte nosso, teve um ano que uns jogaram pelo Grêmio uns seis meses. Não houve um handebol gaúcho, em Porto Alegre, consolidado em clube. Agora, Santa Maria tem o Corinthians, lá em Caxias tinha o Recreio da Juventude, se não me engano, e os outros eram associações... Sim, o de Novo Hamburgo era Ginástica de Novo Hamburgo³³, feminino, e eu acho que em Sapiranga não é clube. É uma “associaçãozinha” assim para existir. Eu não sei assim... E com certeza começou no grupo escolar. Com certeza.

J.K. – Certo. Agora então em relação a disciplina de handebol aqui na ESEFID, tu saberia me dizer como ela iniciou?

M.S. – Não. Eu acho que ela deve ter iniciado... Aí sim ela deve ter iniciado com o Camargo. Camargo deve ter...

J.K. – Sabe me dizer mais ou menos o ano?

M.S. – Não tenho ideia. Cheguei aqui já tinha handebol. Cheguei em 1975 já existia Handebol como disciplina no currículo e quem dava era o Carioca.

J.K. – E por que ela teria sido incluída no currículo universitário?

M.S. – [silêncio] Olha, se tu... Até na bibliografia hoje da Educação Física escolar falam no quarteto mágico, que é futebol, basquete, vôlei e handebol. Então, se tu for olhar a literatura da Educação Física escolar o handebol aparece como uma disciplina escolar. Então, as escolas praticam handebol até porque as condições físicas das escolas são de quadras polivalentes, quadra de futsal e acaba sendo espaço para handebol e tal. Então, a partir do momento que é uma disciplina escolar, que a escola recebe o handebol ele passa, provavelmente, eu imagino que faça algum sentido que ele passe a ser uma disciplina... Mas isso é uma coisa a se perguntar, por que algumas modalidades são eleitas... As modalidades

³³ Sociedade Ginástica Novo Hamburgo.

que merecem ter professor específico, hoje não tem mais, currículo novo não tem mais isso. Mas acho que ela tem a ver porque é uma disciplina que tem que se praticar, tem habilidades...

J.K. – Certo. E na época que tu foi professor, quem praticava mais eram homens ou mulheres?

M.S. – Na época que eu fui professor?

J.K. – Isso, da disciplina.

M.S. – Talvez os homens. Acho... Não vou dizer isso, não vou afirmar. Não sei responder.

J.K. – E quem teria sido o primeiro professor da disciplina?

M.S. – O Carioca. Do meu tempo o Carioca, mas acho que o Camargo.

J.K. – E qual seria a importância do handebol no currículo universitário?

M.S. – Eu não vejo uma importância particular, entendeu? Eu acho que o que foi muito bem feita essa mudança do currículo onde não tem [palavra inaudível] modalidades esportivas. Eu acho que está correto pensar em esportes e adotar aquele outro tipo de classificação; esporte de contato, esporte de invasão enfim... Tem uma classificação. E, claro, não pode esquecer a existência dessas modalidades esportivas, mas, por exemplo, o handebol, o vôlei, o basquete, o futebol, o futsal são modalidades que estão vamos dizer, nas escolas, tem uma grande possibilidade de serem praticadas. Mas o que eu quero dizer o absurdo ter um professor de caratê nas escolas, por exemplo. Então teria que ser um professor de lutas, alguém que lide com caratê, com judô, com boxe, com capoeira e tal. então não vejo o handebol com nenhuma razão particular a cima de outras modalidades coletivas, eu digo, a experiência das modalidades esportivas coletivas na escola ou modalidade com bola, “ok”, mas o handebol em especial eu não vejo, mas claro, eu também não vejo muito sentido o cara passar por aqui e não ter contato com essa modalidade que vai aparecer lá na vida escolar. E são modalidades que tem suas particularidades. É interessante que o voleibol o cara sai daqui, aprende aqui e sai para trabalhar. O cara do judô ele pode fazer a disciplina aqui, mas

se ele não for faixa preta o mundo do judô não aceita ele. Então, são culturas diferentes, mundos culturais diferentes nessas modalidades esportivas. Não vejo nenhuma particularidade que alguma modalidade *mereça* mais que outra estar no currículo. Por que não tem “skate” na escola? Muita gente gosta de “skate”. Por que não tem “surfe”? Tem remo, mas não tem surfe. A gente marca, paga, aluga, agora não sei se existe mais, mas no meu tempo...

J.K. – A disciplina de remo?

M.S. – É.

J.K. – Não tem mais.

M.S. – Tinha disciplina de remo e tinha um acordo com os clubes de remo. Eu tive aula de remo, disciplina duas vezes por semana. Remava no Guaíba ali... Por que remo e não “Skate”? Por que remo e não “surfe”? Então...

J.K. – Certo. E como que era o perfil dos alunos que buscavam fazer a disciplina naquela época?

M.S. – Não tinha buscar. Tinha que fazer. No meu tempo era obrigatório. As disciplinas esportivas, todas elas! E eu não vou te dizer com convicção, mas tinha um número de créditos... Se não fosse obrigatória, tinha um número de créditos a cumprir, um número de disciplinas oferecidas que acabava sendo obrigatório, tinha que fazer. Eu não estou lembrando de nenhuma disciplina... Isso quando eu era aluno?

J.K. – Não. Quando tu era professor, mas pode falar também quando era aluno.

M.S. – É, mas eu diria as duas. No mesmo momento. O número de disciplinas oferecidas, o número de créditos exigidos tornava obrigatória. Talvez pudesse, alguns alunos conseguirem por alguma razão, mais crédito. O que eu me lembro do meu tempo, tinha Handebol, depois de uma mudança de currículo, para todas as modalidades, tinha Handebol um, dois e três. Um era para aprender a jogar, o dois era para aprender a dar aula, não... O dois era mais

especialização, treinamento e o três era prática de ensino da modalidade, era aprender a dar aula... Eram esses três para handebol, vôlei, basquete... Todas era isso. O aluno sempre que gostava fazia todas de handebol e não precisava fazer todas do vôlei, mas escapar do handebol ele não escapava, escapar do vôlei ele não escapava. Ele podia fazer só um do vôlei e fazer um, dois, três do handebol. Fazer um da Natação e um, dois, três do vôlei, do handebol, do basquete. Isso era opcional, se eu não gosto então... Eles tinham essa opção. Mas não escapar de fazer o um, acho que não escapava. Ele tinha que fazer. *Acho*.

J.K. – Certo. E esses alunos eles eram mais do final ou do início do curso?

M.S. – Não sei te dizer... Acho que do início. Do início, do meio para baixo. Do meio para o início. Porque tinha um, dois e três, então tinha que fazer logo a um.

J.K. – E eram mais homens ou mais mulheres?

M.S. – Era... Como eu estou dizendo, era obrigatório, todos tinham que fazer.

J.K. – E como que era o envolvimento com a prática do handebol?

M.S. – Eu professor e eles praticando?

J.K. – Isso.

M.S. – Eu como professor, tinha que praticar. Não tem ficar sentado olhando, tinha que praticar. Hoje, eu passo por aqui e vejo pessoas de calça jeans e tênis olhando a aula ali, isso não me convence. A experiência... Acho que a vivência faz parte do processo de formação. Não que tenha que saber jogar, inclusive eu sempre critiquei muito isso. O professor de Natação que eu tinha... Tinha pessoas que não tinham jeito, esses iam tirar “C”, era certo porque não ia na aula e nadava mal. O avanço do cara no processo das aulas não interessava. Interessava que ele chegava no último dia e nadava mal, então ele tirava nota “C”. Então, um negócio meio ilógico. E sempre avaliei o progresso da pessoa e a capacidade da pessoa falar sobre o assunto. Nas aulas práticas que eu dava... A prova prática que fazia era “ou tu demonstra, ou tu me explica”, então o cara tinha que chegar e dizer... Hoje eu faria diferente,

“tá”? Acho que tinha umas tolices que a gente fazia também. Hoje eu faria diferente! Mas o que eu fazia na época... Sorteava... Me fala de arremesso de suspensão. O cara pegava a bola executava três arremessos e significa que ele domina o assunto. “Professor, eu tenho dificuldade. Prefiro falar” Então, tu fala: “Tu arremessa assim, tu pega a bola, toma espaço, primeiro pé contrário a mão do arremesso, 1, 2, 3 salta e tal...”. Então o cara tinha que expressar o domínio, senão executava porque tinha dificuldade motora, pelo menos o domínio teórico para poder falar sobre o assunto. Hoje eu faria completamente diferente, teria que parar para pensar, mas o envolvimento tinha que ter na prática. Claro, sempre tem gente que não quer... E fazia todo o envolvimento para que as pessoas praticassem, jogo de corpo, na fase de contato, meninos e meninas juntos... Tudo era um esforço para que meninas e meninos jogassem juntos. Aquelas coisas que vocês devem ter tido experiência em outros lugares de a bola tem que passar pelas meninas, os guris não podem ficar todo o tempo com a bola. Enfim, teve todo o estímulo para o movimento. Eu tive um ano que teve o Campeonato Mundial aqui em Novo Hamburgo e nós fizemos um esquema... Alugamos ônibus e fomos duas ou três noites à Novo Hamburgo cheia de alunos da ESEF³⁴ assistir ao torneio. Então tinha um baita de um envolvimento dentro da disciplina e eu tinha um baita de um envolvimento, então... Arrumar ônibus! Trabalho grande arrumar ônibus e ter a responsabilidade de pagar e tal. Levar todo mundo para Novo Hamburgo e voltar dez, onze horas da noite! Havia um envolvimento e eu mobilizava o pessoal e o pessoal gostava.

J.K. – E tu acredita que a modalidade de handebol no currículo da universidade tem aumentado a prática desse esporte na escola?

M.S. – Tenho a menor ideia. Acho que é uma ilusão isso, dizer isso. É o sonho das pessoas! Eu acho que, claro, que se sai pessoas com formação em handebol a chance... Mas agora que o currículo mudou que não tem a especificidade das modalidades... O que é que pesa? O que pesa é a visibilidade externa, do social. Então, handebol anda escondido. Aparece vôlei, basquete, futebol... É o que aparece para o público, se o aluno tivesse uma disciplina só de fundamento ele poderia sair daqui formado e aplicar lá a escola. Mas o mundo da Educação Física coloca o handebol no lugar secundário, eu diria, comparado com vôlei, basquete,

³⁴ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, hoje denominada Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

futebol... Então não acredito nessa influência da universidade na vida social ou na vida escolar. Eu não acredito nisso!

J.K. – Tu até chegou a comentar sobre a participação do handebol feminino nas Olimpíadas. E as meninas chegaram a ganhar a competição do Mundial em 2013. Tu acredita que esse destaque que o Brasil teve em 2013 trouxe mais visibilidade para a prática aqui?

M.S. – Eu não sei se teve mais visibilidade na prática, mas o pressuposto é que quando as coisas têm mais visibilidade, de alguma maneira, estimula as pessoas... Ninguém vê handebol na televisão e pensa: “Bah, vou jogar!”. Não. Mas as pessoas que estão envolvidas, se interessam mais, estimulam outras pessoas... Óbvio que essa visibilidade dos meios de comunicação ajuda qualquer modalidade esportiva a se desenvolver, a trazer mais pessoas interessadas, mas no caso das escolas do Rio Grande do Sul como um fato, sistemático ou um fato capaz de sustentar como um dado... Eu não sou capaz. O que eu sou capaz é disso: ter o pressuposto, de que, se alguma coisa começa a ter visibilidade na sociedade ela passa a ser motivo de interesse das pessoas, estimular... Falavam tanto do Tênis quando o Guga³⁵ estava no auge... Eu não sei se aumentou a prática do tênis, mas falaram... Naquela época falavam mais de Tênis, estava mais seguido na televisão... Eu soube de projetos sociais envolvendo tênis, mas o handebol eu não sei de nada... O pressuposto eu posso dizer. Sim, se começar a ter resultado e a televisão começar a botar pode ser que estimule.

L.B. – Quando tu terminou a faculdade, tu já tinha concretizado que tu queria ser professor de handebol?

M.S. – Sim. Era um sonho ingênuo. Eu estava na faculdade e o tempo todo meu sonho... Eu tinha três empregos em Porto Alegre e tinha uma coisa que eu não queria: era três empregos, quatro empregos que é a trajetória de professores, tu trabalha em duas, três escolas. Isso era uma coisa que eu não queria para minha vida, eu não gostava disso quando eu me formei. E a outra questão era que eu tinha interesse de trabalhar com Handebol. Claro, se aquele cara do Colégio Farroupilha tivesse aposentado e eu fosse professor de handebol do Colégio Farroupilha e eu iria me envolver e iria fazer um time juvenil, iria participar de campeonatos...

³⁵ Gustavo Kuerten.

Talvez eu nem fosse para Rondônia! Acho meio difícil porque Rondônia... Eu estava querendo casar e eu tinha um emprego que me dava “X” de rendimento, me chamaram para ir para Rondônia para ter um emprego federal que gente procura... Naquela época pelo menos, a ideia de empregos públicos, federais, era uma intenção e ainda hoje as pessoas estão interessadas em ter garantias de emprego e tal. O emprego público federal, a oportunidade casar porque eu estava querendo casar e trabalhar só com handebol, *só com Handebol*. Me oferecem um salário que era um pouco mais do que eu ganhava nos meus três empregos daqui e a minha namorada na época não tinha emprego e ofereceram praticamente o mesmo salário para ela. Eu ganhava “X” aqui e ela ganhava zero e nós íamos para lá casados e ganhando “2X”. Ia começar uma vida de casamento com dois empregos públicos federais de salários bons, como se tu fosse pegar hoje dois empregos 8 mil reais por mês para cada um para morar lá em Rondônia, era algo semelhante a isso. Chegar lá com uma condição de vida boa porque queria casar... Era um conjunto de elementos que me levaram para lá. O handebol foi uma das coisas que me estimulou. Ir para Rondônia é uma coisa. Ir para Rondônia para trabalhar só com Handebol, sim me conduziu... E geralmente, se foi no passado eu diria... Não adianta o olhar para o passado porque a gente é o que a gente foi, o que foi construído...

L.B. – Não, mas tu persistiu teu sonho em sair de Rondônia e vir para cá e ser professor...

M.S. – De handebol!

L.B. – Da faculdade.

M.S. – Sim, sim. Eu vim transferido para cá. Eu vim de Rondônia transferido como técnico, pela carga horária eu era professor, com carga horária técnica de Assuntos Educacionais. É um cargo federal que existe aqui. Então eu tinha esse cargo e vim trabalhar no setor Olímpico da piscina, era o setor Olímpico ali que fazia atividade com os universitários. Então eu fazia muitas coisas lá, entre elas jogos dos universitários. E acabei sendo professor de handebol porque faltou professor e eu dava algumas aulas. Eu fiz três concursos para entrar na faculdade. Eu tirei segundo lugar no primeiro concurso, bom o outro concurso não foi para handebol, eu fiz dois concursos para entrar. Um eu tirei segundo lugar entrou o Élio

Carraveta, esse eu não esqueço. Perdi por 0,23 [risos]. E depois eu fiz com o Giovani³⁶, que se aposentou agora, professor da Universidade Federal de Santa Catarina e ganhei dele por meio ponto e entrei aqui. O professor Giovani ficou lá como professor de handebol por muito tempo, depois ele largou... Tempo do [palavra inaudível]. E se aposentou, mas ele foi professor de handebol aqui como professor substituto e foi professor de Handebol lá. Tu conhece ele?

J.K. – Sim. Eu entrevistei ele também.

M.S. – Muito gente boa!

J.K. – Sim, muito bacana!

M.S. – Feito, gurias?

J.K. – Feito. Teria alguma coisa que eu não te perguntei?

M.S. – Nada.

J.K. – Então, a gente agradece em nome do Centro de Memória do Esporte. Muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

³⁶ Giovani De Lorenzi Pires.